

O SACERDÓCIO DE CRISTO E A LAICIDADE DO SACERDÓCIO Conforme a Carta aos Hebreus

Aíla Luzia Pinheiro de Andrade

Resumo

O tema do sacerdócio foi exaustivamente trabalhado pela Carta aos Hebreus, mas pouco compreendido ao longo dos séculos. O presente artigo tem por objetivo tratar da especificidade do sacerdócio de Cristo e dos cristãos leigos, bem como provocar uma reflexão sobre as implicações pastorais das afirmações contidas no texto de Hebreus.

Palavras-chave: *Sacerdócio de Cristo. Sacerdócio comum dos fiéis. Santidade. Laicato.*

Abstract

The subject of the priesthood was exhaustively elaborated by the Letter to the Hebrews, but not very understood throughout the centuries. This article considers the peculiarity of the priesthood of Christ and of the lay Christians, as well as stimulates a reflection about the pastoral implications resultants from the Letter to the Hebrews.

Keywords: *Christ's priesthood. Common priesthood of the faithful. Sanctity. Laity.*

Nas últimas décadas houve um grande progresso na pesquisa sobre a Carta aos Hebreus, um passo decisivo para isto foi a descoberta de seu tema central: “Eis o tema principal do que se está dizendo: tal é o Sumo Sacerdote que temos, que se sentou à destra do trono da Majestade nos céus” (Hb 8,1).

Esse vocabulário era incomum na tradição apostólica, por que escrever então sobre esse tema? Os seguidores de Jesus estariam sendo tentados a participar dos sacrifícios judaicos? Iria o autor, gastar tempo e habilidade retórica em um tema tão complexo se este não tivesse relevância imediata para sua comunidade?

Tentaria contrapor a ação salvífica realizada por Jesus ao sistema sacrificial levita se seus destinatários não tivessem nenhum desejo de aderir a esses ritos? Haveria necessidade de uma comparação entre Jesus e a liturgia levítica se esta tivesse pouca importância para os destinatários de sua obra?

O autor bíblico lidou com as reais preocupações de sua comunidade, não com um ponto tangencial. O problema parece ter sido a apatia e a sedução por outra opção religiosa, considerada seriamente nessa Carta: a volta ao judaísmo sem Jesus, uma tentação para os judeu-cristãos do final do primeiro século, principalmente por causa dos rituais do Dia do Perdão. Os judeus reivindicavam que os pecados não seriam perdoados, exceto por essa cerimônia, já que o livro de Levítico determina que somente no Dia do Perdão o sumo sacerdote poderia entrar no Santo dos Santos para realizar a expiação pelos pecados do povo (Lv 16,30). Provavelmente alguns membros da comunidade estavam tentados a colocar o judaísmo em primeiro lugar por acreditarem que somente os sacrifícios de animais no Dia do Perdão os tornariam livres do pecado.

Os tempos eram difíceis e os seguidores de Jesus não tinham todo aquele aparato “religioso” que era comum no mundo antigo como aspecto constitutivo das religiões: templo, sacerdócio, sacrifícios e lugares santos. Além disso, por ocasião da revolta judaica contra o Império Romano, esperava-se que todos os judeus apoiassem a causa pela libertação política de Israel e mostrassem apoio ao Templo e solidariedade ao povo judeu, que participassem das sinagogas e mantivessem as festas religiosas. Nesse contexto, os rituais do Dia do Perdão se tornaram o ponto focal da identidade judaica.

Com a destruição do Templo, os judeus haviam perdido os rituais mediadores de sua relação com Deus, ficaram sem o centro geográfico, a cidade de Jerusalém, e sem o Sinédrio que era sua estrutura política. Além disso, a situação agravou-se para os judeu-cristãos, porque estes foram tratados pelos compatriotas como traidores por causa da opção pelo Crucificado. Perderam tudo e aparentemente não tinham adquirido nada em retorno, só uma espera pela Parusia, que parecia infrutífera naquele momento crucial. Por isso, entraram numa profunda crise de identidade religiosa. Dessa forma, são compreensíveis os motivos pelos quais estavam tentados a voltar para um judaísmo sem Jesus.

Na crise de identidade e demora da Parusia, os judeu-cristãos tinham “uma consciência renovada do pecado” e sentiam a necessidade de purificação e perdão. Quando iniciaram na fé cristã suportaram grande sofrimento e foram fiéis em momentos de perseguição. Não tinham ainda dado suas vidas pelo evangelho (Hb 12,4), mas haviam sido despojados de seus bens (10,33-35) durante a revolta judaica e também haviam sido solidários compartilhando suas posses com os cristãos mais pobres (Hb 6,10; 13,16).

Em resposta a tudo isso, o autor da Carta aos Hebreus edificou seu tema central sobre algumas proclamações fundamentais: temos um sumo sacerdote

(8,1), um altar (13,10), um sacrifício perene (7,27) em um eterno Dia do Perdão (9,12-14; 10,19) em um santuário verdadeiro (celeste), não construído por mãos humanas (8,2).

O sacerdócio do Filho de Deus

“Temos um sumo sacerdote” (8,1), destaca como afirmação central a Carta aos Hebreus logo após asseverar que o mesmo “foi aperfeiçoado por toda a eternidade” (7,28). O verbo “aperfeiçoar” e o substantivo “perfeição” designam o rito de consagração dos sacerdotes levitas (Ex 29,9.35; Lv 8,33). Sacerdócio é mediação, isso significa que o sacerdote deve pertencer tanto à esfera da criação quanto à do Criador. Para participar do âmbito do Criador, o varão levita era favorecido com um “aperfeiçoamento” ou uma “plenificação” através da unção com óleo no rito de consagração, ou seja, recebia o dom do Espírito do Senhor para participar, de alguma forma, da esfera do Sagrado. Por isso, era comum dizer que o levita havia sido “aperfeiçoado” sacerdote, significando que tinha recebido o dom para acercar-se da realidade celeste. Contudo, esse acesso era apenas simbólico, pois o sacerdote antigo não se aproximava efetivamente de Deus e sim do altar que o representava.

No que tange ao Filho, para que se tornasse mediador (sacerdote) deveria receber a existência humana e dessa forma participar do âmbito da criação. Ele recebeu um corpo (10,5) e participou em tudo da fragilidade humana, exceto no pecado (4,15), pois sua vida foi de total obediência (5,8), realizando em tudo a vocação humana de ajustar-se à vontade de Deus (10,7). O Filho humanado pode nos representar diante de Deus porque é nosso irmão e experimentou nossas limitações (2,11-18) até a morte de cruz (2,14-15). Esteve à mercê da violência humana e submeteu-se às fraquezas que são comuns a todas as criaturas, inclusive temeu a morte (5,7).

O sacerdócio do Filho é, contudo, bem distinto e, mesmo, contrário ao sacerdócio levita. Em primeiro lugar porque somente ele é, de fato, mediador. Somente Jesus Cristo participa plenamente das duas esferas: é Filho de Deus e co-Criador (1,2) e é humano igual a nós. Os levitas participaram apenas do âmbito da criatura, eles não tiveram acesso real a Deus.

Os sacerdotes da Primeira Aliança ficavam separados do povo para o serviço de Deus (5,1). O sumo sacerdote Jesus Cristo é engajado nas realidades humanas mais degradantes a ponto de sofrer a morte mais terrível, a crucifixão. Por isso, o sacerdócio do Filho, em vez de ser separado, é solidário (2,17).

Há uma tríplice declaração da incapacidade do sacerdócio e dos sacrifícios antigos para plenificar (10,1) e para remover pecados (10,4 e 10,11), em contraste com a tripla afirmação sobre o sacerdócio e o sacrifício de Cristo pelo qual somos

santificados (10,10), plenificados para sempre (10,14) e totalmente redimidos do pecado (10,18).

Essa argumentação do autor bíblico, porém, requer uma maior explicitação visto que Deus escolheu a tribo de Levi para a função sacerdotal. Conforme antigas tradições de Israel, os levitas eram marcados por forte conotação guerreira. Acreditava-se que, por causa do zelo extremado dos levitas pelo seu Deus, estes teriam recebido o direito ao exercício da liturgia e do ensino da Torá, ou seja, do Pentateuco (Ex 32,25-28; Dt 33,8-10).

Jesus não é da estirpe sacerdotal levita (7,14; 8,4). Além disso, a morte que sofreu na cruz o separa definitivamente da esfera sagrada do culto (Gl 3,13). Se Jesus não era sacerdote segundo a geração, seu sacerdócio seria, então, de outra forma. O autor encontra na tradição de Israel um argumento fundamental: “Jesus foi feito Sumo Sacerdote segundo a condição de Melquisedec para sempre” (6,20). O Sl 110,4 fundamenta o argumento: “Tu és sacerdote para sempre segundo a ordem de Melquisedec” (7,17). Esse sacerdócio é diferente e superior ao sacerdócio levítico, porque não se baseia numa lei de filiação carnal, mas sim no poder “de uma vida indestrutível” (7,16), pois não se finda com a morte como o dos levitas (Nm 20,24-28).

O autor da Carta aos Hebreus encontrou nas tradições dos patriarcas um argumento para provar que o sacerdócio da estirpe de Levi é inferior ao de Jesus, o qual não foi adquirido por herança genética, mas sim conforme a ordem de Melquisedec. A prova que os levitas são menores está no fato de Abraão ter dado o dízimo e ter sido abençoado por Melquisedec (Gn 14,20; Hb 7,9). Como Abraão carregava no próprio corpo as sementes dos futuros descendentes (Hb 7,10), os sacerdotes levitas têm que reconhecer sua inferioridade perante Melquisedec. Em consequência disso, o sacerdócio de Jesus, “aperfeiçoado” para sempre pelo juramento de Deus (Hb 7,28), é em tudo mais excelente que o dos levitas.

O texto de Hebreus dá um novo significado para o sacerdócio. Fala em mutação (7,12) para afirmar uma diferença substancial e não somente de alguns aspectos. O título de sumo sacerdote envolve a realidade total de Jesus Cristo: Homem e Deus, Senhor e Servo, sua Paixão e glória; sua relação com Deus (1,5-14) e com os seres humanos (2,5-16).

A posição pessoal de Cristo (1,5-2,18) faz dele o mediador por excelência: porque é humano e foi estabelecido junto a Deus. É um mediador melhor que os anjos, pois esses, embora estejam junto a Deus, não são humanos e, por isso, não podem ser solidários (2,5-18). É também superior a todos os mediadores humanos, em especial, Moisés, o maior mediador (Nm 12,1-8) do qual os sacerdotes dependiam (Dt 31,9). Segundo Hb 3,1-6, tanto quanto os anjos, Moisés não passa de um servidor. Jesus, enquanto Filho, é digno de fé, constituído à direita de Deus (3,2).

Cristo é o sumo sacerdote “aperfeiçoado” (7,28) tanto pela sua obediência ao Pai, quanto pela sua solidariedade para com a humanidade. Na relação de Cris-

to com Deus temos o aspecto da autoridade. Ao entrar na *oicoumene* (santuário celeste, 1,6; 2,5), o Filho foi constituído sumo sacerdote glorificado à direita do Pai que o “aperfeiçoou”. Na relação com os homens há o aspecto da solidariedade: é misericordioso visto que por experiência própria participou de nossa fraqueza (5,7; 12,2) e por isso se tornou princípio de salvação para a humanidade. Em ambos os aspectos, seja com o Pai ou com o ser humano, sua entrega foi levada ao extremo (5,5-10).

Tudo isso o torna não apenas fiel, mas digno de fé (2,17; 3,2). Sua credibilidade faz dele o fundamento da nossa fé. O cristão pode lançar toda a sua existência sobre esse fundamento, por duas razões: porque Cristo é o Filho de Deus constituído em dignidade; e porque nos amou a ponto de morrer por nós.

A “perfeição” de Cristo como sumo sacerdote é em tudo diferente: outra tenda, outro santuário, outro sangue, outra oferenda, outra aliança. Essas diferenças não são superficiais, mas radicais. Não é uma realidade que transforma apenas a existência dele próprio, pois foi feito sacerdote para nós. Tornou-se a tenda verdadeira (o corpo de Cristo é o Novo Templo, cf. Jo 2,21; Hb 8,2) pela qual os cristãos têm acesso ao céu.

A laicidade do sacerdócio dos cristãos

Jesus Cristo foi “aperfeiçoado” sumo sacerdote para nós (6,20) e fez uma oferenda de si mesmo, uma vez por todas, pelo povo (7,27). Tanto os profetas (Mq 6,1-8) quanto os salmistas (Sl 40), bem como o autor da Carta aos Hebreus, sabem que fazer a vontade de Deus supera todos os ritos e oferendas sacrificiais. E, já que Jesus Cristo levou ao extremo a obediência à vontade divina, o seu corpo tornou-se oferenda definitiva para santificar a todos. A santificação do ser humano era o objetivo dos sacrifícios, mas isso nunca pode ser efetivado até que Cristo fizesse oferta de si mesmo.

Desde o início da Carta aos Hebreus já fora afirmado que estamos nos últimos tempos (1,2) e que o Filho está sentado à direita de Deus nos céus (1,3; 8,1; 12,1). Que ele é ministro do Santuário celeste ou da Tenda verdadeira (8,2) da qual o Tabernáculo no deserto era apenas uma cópia (Ex 25,8-9; Hb 8,5). Cristo está exercendo uma liturgia no céu (8,2) cujo efeito é santificar os seres humanos por meio de sua oferta única e eficaz. Então, conforme a Carta aos Hebreus, os seguidores de Cristo participam do sacerdócio novo e definitivo, segundo a ordem de Melquisedec. Um sacerdócio espiritual não recebido por descendência, mas por solidariedade. E é porque o Filho se tornou em tudo igual a nós que podemos ser associados a ele na sua condição gloriosa na realidade celeste.

Embora toda mediação seja em Cristo, único e eterno mediador, o autor de Hebreus usa dois argumentos para mostrar que os cristãos participam do sacerdócio do Filho:

- porque os cristãos são chamados a aproximar-se de Deus;
- porque com uma só oferenda o sumo sacerdote eterno aperfeiçoou para sempre os que agora estão sendo santificados (Hb 10,14).

Com a expressão “os que se aproximam” (Hb 10,1) definem-se, na linguagem do culto, os sacerdotes no exercício de seu ministério, ou seja, na realização dos ritos sacrificiais (Lv 9,7-8). De fato, a versão grega do livro do Levítico designa a atividade sacerdotal pelo termo *proserxomai* (aproximar-se) que na Carta aos Hebreus conecta-se ora com os levitas, ora com os cristãos.

O termo aproximar-se, que a Torá reservava geralmente para a linguagem do culto, agora é usado para os cristãos com um sentido existencial e não cúlrico. Para a Torá os levitas aproximam-se do altar, mas conforme a Carta aos Hebreus os cristãos aproximam-se de Deus mesmo, porque a Humanidade ressuscitada já ingressou no santuário celeste.

A primeira vez que o termo aproximar-se aparece referindo-se aos cristãos é em Hb 4,16 quando o autor bíblico trata da posição de Cristo em relação à humanidade como sumo sacerdote misericordioso. Nessa passagem, inicialmente é feita uma comparação entre os companheiros de Moisés e Josué e os de Jesus. Os primeiros foram rebeldes e não entraram no repouso que Deus lhes havia reservado; os últimos devem permanecer firmes na fé porque o sumo sacerdote iminente, o Cristo, assumiu a condição humana e foi provado em tudo, sem, todavia pecar, e por isso é capaz de compadecer-se das fraquezas do ser humano. Com esta certeza os cristãos são convidados a aproximar-se do trono de Deus, sem temor, para receber a graça e a misericórdia e o auxílio de que necessitam.

Na Torá, ao contrário, somente o sumo sacerdote, no Dia do Perdão (Lv 16) podia aproximar-se, ritualmente, de Deus, ao entrar no Santo dos Santos após várias precauções. Diferente dos israelitas, os novos sacerdotes em Cristo sentem-se à vontade para aproximar-se do trono de Deus para, antes de tudo, receber a misericórdia que lhes está garantida pelo sumo sacerdote misericordioso que conhece por experiência própria as fraquezas humanas mesmo tendo sido fiel a Deus em tudo.

Continuando nessa mesma linha de reflexão, chegamos a uma nova menção do termo aproximar-se em Hb 7,25. Esse versículo pertence à terceira seção (5,11–10,39) da Carta aos Hebreus, a parte central, que trata especificamente de Jesus como sumo sacerdote “aperfeiçoado” por Deus. O Cristo é um sacerdote glorioso, da ordem de Melquisedec, e totalmente diferente dos descendentes de Aarão. Ao contrário destes, Cristo realiza uma salvação definitiva, porque através dele os cristãos se aproximam de Deus e o fazem porque o Filho humanado e ressuscitado está credenciado para interceder por eles. Cristo está autorizado para realizar a intercessão porque é o melhor sumo sacerdote que pode haver: santo, inocente, não pertencente ao grupo dos que cometem pecados, elevado no mais alto céu e porque ofereceu a si mesmo uma vez por todas.

Então, se em Hb 4,16 os cristãos podem aproximar-se do trono celeste porque Cristo é humano e misericordioso, em Hb 7,25 eles o fazem porque Cristo é o Filho glorioso, digno de fé.

Outra citação do termo aproximar-se está em Hb 10,22 que ainda pertence à seção central da Carta, mas encontra-se na segunda grande exortação (10,19-39). Trata-se de um apelo a que os cristãos se aproximem de Deus através do Cristo. A aproximação pode ser efetivada porque a humanidade de Cristo, como oferta integral e que agora se encontra junto a Deus, é um caminho novo que nos garante total acesso ao Santo dos Santos no céu. O véu do santuário, que significava a separação entre o Criador e a criatura, cedeu lugar à humanidade de Cristo (Hb 10,20) que garante o acesso a Deus.

Por fim, em Hb 12,22, o verbo aproximar-se aparece na quinta e última parte da Carta aos Hebreus (12,14–13,18) que trata da posição dos cristãos na nova condição alcançada por Cristo. Comparando os seguidores do Messias com a condição religiosa do Antigo Testamento, o autor exorta que mantenham a paz entre si e busquem a santidade, pois a situação dos cristãos é mais privilegiada, por causa de Cristo, que a dos antigos hebreus no monte Sinai. Estes tremeram de terror perante a manifestação de Deus nos dias em que a aliança foi concluída com eles por meio de Moisés (Hb 12,18-21).

Os cristãos, ao contrário, aproximam-se “do monte Sião e da cidade do Deus vivo, a Jerusalém celeste” (Hb 12,22a), ou seja, aproximam-se do próprio Deus na realidade celeste e escatológica (Hb 12,22b-24). Os cristãos não temem chegar-se ao “Juiz de todos” porque o sangue de Jesus é mais eloquente que o de Abel (Hb 12,24). Na Antiguidade, o derramamento do sangue de um justo clamava a Deus por vingança (Gn 4,10). O sangue de Jesus, contudo, clama por misericórdia, por isso é mais eloquente que o de Abel. É por isso que os cristãos, membros da humanidade assassina que levantou as mãos contra o Filho de Deus, não teme o Juiz escatológico porque o mediador misericordioso conquistou para eles o perdão e o livre acesso junto a Deus.

Além do uso do verbo aproximar-se, o sacerdócio dos cristãos é indicado na Carta aos Hebreus pelo termo aperfeiçoar (Hb 10,14). Como foi destacado acima esse vocábulo designa a consagração sacerdotal, seja no Antigo ou no Novo Testamento.

O culto realizado pelo sacerdócio laico

O texto de Hebreus classifica o culto antigo como um desenho (projeto) reproduzindo um modelo (tipos) fornecido pelo próprio Deus (Hb 8,5; 9,23). O que era modelo cedeu seu lugar à realidade definitiva trazida pela “perfeição” de Cristo e dos cristãos. O culto realizado pelo sumo sacerdote eterno foi totalmente diferente daquele do antigo modelo. Os fiéis, participantes do sumo sacerdócio de

Cristo, não podem, portanto, oferecer a Deus um culto semelhante àquele realizado no templo de Jerusalém e pelo sacerdício levita. O único culto a ser realizado pelo sacerdício dos fiéis é o mesmo efetivado pelo sumo sacerdote eterno: oferta de si mesmo a Deus na única e definitiva oferta de Cristo.

Nas palavras do autor de Hebreus, o culto realizado pelo sacerdício dos fiéis é feito da seguinte forma: “Por meio de Jesus, pois, ofereçamos a Deus, sempre, sacrifício de louvor, que é o fruto de lábios que confessam o seu nome” (Hb 13,15). No Levítico, a expressão “sacrifício de louvor” era usada para designar um sacrifício de comunhão em louvor ou ação de graças (Lv 7,12). Posteriormente essa expressão foi desvinculada de seu aspecto material e se tornou um símbolo de uma realidade existencial. O Sl 50 exalta o sacrifício de louvor como algo que agrada a Deus (Sl 50,23). Neste salmo, porém, nenhuma importância é dada à oferta da “carne de touros ou sangue” (Sl 50,13), mas a uma conduta reta (Sl 50,23). Nem sequer as palavras da oração têm valor se forem unidas a obras injustas (Sl 50,16.23b). É nessa compreensão que se situa o texto de Hb 13,15. Com a expressão “frutos dos lábios” o salmista e o autor de Hebreus destacam que o verdadeiro louvor é uma oferta da própria vida a Deus, traduzida em atos simples e cotidianos dentro e fora da comunidade (Hb 13,16-17).

Para além da Carta aos Hebreus

Para a Carta aos Hebreus o sacerdício de Cristo e o sacerdício dos cristãos (homens e mulheres) são laicos. Na concepção do autor, um sacerdício praticado somente por uma parte (*kleros*) dos cristãos é algo impensável, pois o que nos faz ser sacerdotes é o fato de sermos membros do Corpo do único sacerdote, o Cristo.

A maioria dos cristãos nos tempos atuais está confusa sobre esse aspecto de nossa fé. No âmbito católico, principalmente, as pessoas pensam que o sacramento da ordem confere o sacerdício a alguém, contudo, é a iniciação cristã a única forma de se conferir o sacerdício no cristianismo. Todos os seguidores de Jesus, homens e mulheres, são sacerdotes. O Sacramento da Ordem faz com que alguém, que já é sacerdote pelo batismo, seja inserido no clero (*kleros*), ou seja, no grupo (*ordo*, classe, grupo) dos que lideram a comunidade. O Sacramento da Ordem não confere o sacerdício a ninguém.

Mas podemos também nos perguntar se o sacerdício de Cristo seria restrito apenas para os cristãos. Em outras palavras, é possível tomar as afirmações contidas no texto de Hebreus sobre o sacerdício dos fiéis e ampliá-las a toda humanidade? Cristo, à destra da Majestade no céu, colocou o ser humano enquanto tal no âmbito de Deus. Isto não pode ter efeito apenas sobre os cristãos.

O ser humano incorpora e exprime em si mesmo a totalidade da natureza, então, esta só pode chegar à plenitude se o ser humano agir como sacerdote da criação. Pela sua “perfeição”, Cristo se torna a recapitulação de toda a criação, o ser humano por excelência, a verdadeira *imago Dei*. Com a participação do

ser humano na “perfeição” de Cristo, a criação adquire uma sacralidade e uma plenitude que não é inerente à sua natureza, mas é adquirida no livre exercício da *imago Dei* (Rm 8,19.21).

Então, a *imago Dei* conclama o ser humano a se tornar “sacerdote da criação”, que para Zizizoulas essa tarefa se realiza por dois motivos:

- porque o mundo é integrado e englobado numa realidade unificada (aspecto hipostático do ser humano);
- porque através do ser humano o mundo é elevado a possibilidades infinitas, sendo referido a Deus e a ele oferecido (aspecto extático do ser humano).

Portanto, com a “perfeição” de Cristo, temos não somente a “perfeição” dos cristãos, mas a de todos os seres humanos e, mais ainda, isso atinge a criação inteira por meio da manifestação desses dois aspectos da existência pessoal: o aspecto hipostático e o extático do ser humano enquanto sacerdote da criação “aperfeiçoado” por Deus Pai. Da mesma forma que a criação a história também é elevada à condição de plenitude, por isso, o sacerdócio dos fiéis é um princípio ético que deve mover a transformação da história em direção à plenitude do Reino de Deus.

Bibliografia

- FILSON, Floyd Vivian. *Yesterday: a study of Hebrews in the light of chapter 13*. Naperville: Alec Allenson, 1967.
- LINDARS, Barnabas. *The Theology of the Letter to the Hebrews*. Cambridge: Cambridge University Press, 1991.
- LONGENECKER, Richard N. *Biblical Exegesis in the Apostolic Period*. Grand Rapids: Eerdmans and Vancouver: Regent College, 1999.
- VANHOYE, Albert. “L’oïcoumene dans l’épître aux Hébreux”, *Biblica* 45, 1964, 248-253.
- _____. *Cristo é Il Nostro Sacerdote: la dottrina dell’epistola agli Ebrei*. Turim: Marietti, 1970.
- _____. “La Lettera agli Ebrei”, in: GEORGE, A. & GRELOT, P. *Introduzione al Nuovo Testamento: Le lettere apostoliche*. Roma: Borla, 1978, 185-216.
- _____. *Prêtres anciens, Prêtre nouveau selon le Nouveau Testament*. Paris: Seuil, 1980.
- _____. “La ‘Teleiôsis’ Du Christ: point capital de la Christologie sacerdotale d’Hébreux”, *New Testament Studies* 42, 1996, 321-338.
- ZIZIZOULAS, I. “O Homem como “sacerdote”: esperança e “espera impaciente” da criação”, in: *A Criação como Eucaristia: uma proposta teológica ao problema da ecologia*, São Paulo: Mundo e Missão, 2001.